

DUAS ARAS DA QUINTA DE SÃO DOMINGOS (POUSAFOLES DO BISPO, SABUGAL) (*Conventus Emeritensis*)

Duas novas aras votivas foram identificadas na Quinta de São Domingos¹ (freguesia de Pousafoles do Bispo e concelho do Sabugal), no decurso de uma visita efectuada em Fevereiro de 2000.

Neste local tinham sido descobertas três aras votivas dedicadas à divindade *Laepus*, uma ara anepígrafa e conhecíamos a referência de mais 14 aras e ámulas anepígrafas, desaparecidas². Relatamos agora o achado de mais duas inscrições votivas, insuficientemente legíveis e sem referência à divindade reverenciada. A sua omissão, apesar de insegura, consolida a hipótese dum santuário local³, como já foi proposto anteriormente⁴.

¹ As duas inscrições foram sumariamente inventariadas no *corpus* epigráfico do nosso trabalho de investigação: OSÓRIO, Marcos (2000), *O Povoamento Romano do Vale Superior do Rio Côa*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. II, pp. 43 e 46, n.ºs 9 e 15. As leituras e as interpretações aí expressas são agora revistas e ampliadas. Agradecemos a Armando Redentor e a Fernando Patrício Curado as diversas indicações que nos deram sobre as peças.

² RODRIGUES, Adriano Vasco (1959), «O castro do Cabeço das Fráguas e a romanização das suas imediações», *Beira Alta*, XVIII, n.º 1-2, pp. 122-123; RODRIGUES, Adriano Vasco (1959-60), «Inscrição tipo 'porcom' e aras anepígrafas do Cabeço das Fráguas (Guarda)», *Humanitas*, XI-XII, pp. 74-76; CURADO, Fernando Patrício (1984), «Aras a *Laepus* procedentes de Pousafoles, Sabugal», *Ficheiro Epigráfico*, 7, n.º 28.

³ ENCARNÇÃO, José d' (1985), «Omissão dos teónimos em inscrições votivas», *Veleia*, 2-3, p. 307.

⁴ RODRIGUES, 1959: 124; RODRIGUES, 1959-60: 76.

310.1

Árula votiva de granito de grão médio, descoberta pelo Sr. Ladislau Piçarra durante a lavoura nos terrenos da sua quinta. Encontrava-se guardada na adega, durante as nossas primeiras visitas, e foi inesperadamente levada para Lisboa por outra investigadora de visita ao local.

Trata-se dum monumento de reduzido tamanho, semelhante a uma das árulas previamente descobertas na quinta⁵. Rudemente afeiçãoado, denota um acabamento menos perfeito. O capitel tem dois toros, fôculo central circular e elevado e frontão triangular diminuto. O fuste encontra-se separado do capitel e da base, nas quatro faces, por uma moldura simples e pouco saliente (com 6 cm de altura). A base é alta (= 5,4 cm) e composta dum pé pouco afeiçãoado para o eventual encaixe num suporte ou cavidade.

Dimensões: 32 x 18 x 12.

Campo epigráfico: 11 x 16.

L(*ucius*) · [...]VS / [...] N[...] A / M(*onumentum*) POS(*uit*)

Lúcio (...) colocou o monumento.

Altura das letras: l. 1: 2,7 (V = 2,8); l. 2: 1,7; l. 3: 2,6 (O e S = 1). Espaços: 1: 1,2; 2: 3; 3: 1 e 4: 0,4.

O texto apresenta-se distribuído pelo fuste, dividido apenas em três linhas, fazendo o aproveitamento máximo do reduzido espaço disponível, aparentemente segundo um eixo de simetria. O campo epigráfico não sofreu qualquer polimento e a inscrição é praticamente imperceptível, distinguindo-se melhor a primeira e a última linhas. As letras mais visíveis foram gravadas com uma incisão fina e superficial, estando as restantes completamente sumidas. É possível que a escrita do monumento tenha sido parcialmente avivada, dado que há letras nítidas em contraste com outras semi-apagadas, sem motivo aparente.

A l.1 encontra-se descaída e a l. 2 é mais diminuta em altura, dada a exiguidade do espaço. Os caracteres, bastante irregulares, denotam tendência para a escrita cursiva: P aberto na pança; SS muito pequenos e esguios; M de hastes verticais bastante abertas; L de barra inclinada para baixo. Observa-se apenas um ponto de

⁵ CURADO, 1984: 8-10 (28.1).

separação no texto, após o *praenomen* do dedicante e é de realçar também a invulgar fórmula final: M(*onumentum*) POS(*uit*)⁶.

A inscrição tem apenas a memória do dedicante, praticamente ilegível: somente é nítido o *praenomen* L(*ucius*), com o possível *cognomen* na 2.^a linha. Sendo assim, a epígrafe não assinala, no reduzido espaço do campo epigráfico, a divindade reverenciada, podendo adivinhar-se uma dedicatória a *Laepus*. A leitura de L(*aepus*) abreviado na l. 1, que comprovaria esta hipótese, não nos parece agora convincente⁷.

Tendo apenas como base a análise paleográfica do monumento, sugerimos uma datação do fim do séc. II.

310.2

Ara votiva de granito de grão fino, descoberta pelo Sr. Manuel Andrade Piçarra num muro da propriedade. Actualmente encontra-se guardada no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal, vindo a ser integrada no futuro museu municipal⁸.

Ao monumento falta-lhe a base e a parte inferior do campo epigráfico encontra-se fracturada. O capitel, pouco evidenciado, está separado do fuste por uma moldura simples e larga. Restam apenas os vestígios de dois toros e do fôculo central circular e alteado (diâmetro = 8 cm). O fuste denota ainda indícios de ter sofrido um alisamento na superfície frontal, encontrando-se bastante deteriorado nas restantes faces, pelo desgaste que a pedra sofreu. Para além disso, um veio natural na aresta esquerda da face frontal, danificou ainda mais o monólito.

Dimensões: 30 x 25,5/23 x 20,5/19.

VICANI · / OCEL[O]N[E]/NSES [...] / [...]

Os Vicanos Ocelonenses...

⁶ MILLER, M. C. J. (1998), *Abbreviations in Latin*, Chicago, p. LXXX.

⁷ Esta interpretação foi apresentada no trabalho de investigação referido da nota 1.

⁸ Para o estudo da epígrafe e do seu contexto histórico, obtivemos dos Professores Jorge Alarcão e José d'Encarnação importantes indicações, que muito agradecemos. Ver alguns comentários relativos a este monumento *in* ALARCÃO, Jorge de (2001), «Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, p. 315.

Altura das letras: l. 1: 2,4; l. 2: 2,7; l. 3: 3. Espaços: 1: 0,1; 2: 1,3; 3: 0,7; 4: (3,8).

A face frontal da ara não terá sido totalmente ocupada pelo texto, não se identificando quaisquer traços de escrita sob a l. 3, mas é possível que a inscrição continuasse na base do campo epigráfico, nomeadamente através da menção da fórmula final. São visíveis apenas três linhas que o *ordinator* alinhou à esquerda. Somente é legível a metade esquerda do texto, sendo difícil a identificação das restantes letras, apagadas pelo desgaste. Os caracteres apresentam-se praticamente sumidos e com dimensão variável: NN de hastes verticais inclinadas para diante; CC feitos a partir do molde dos OO; SS bastante abertos. Observa-se, na l. 1, um ponto de separação entre as duas palavras. Não temos, pois, dados paleográficos suficientes que permitam atribuir uma datação ao monumento.

O texto regista a entidade colectiva dedicante da ara. Desconhecemos a divindade reverenciada, que poderia vir identificada na base do campo epigráfico ou aparecer na moldura do capitel. A possibilidade de ter sido omitida é credível, tal como na inscrição anterior, devendo tratar-se muito provavelmente de *Laepus*⁹. Partindo deste pressuposto, estas duas novas inscrições aumentariam para cinco o número de monumentos provenientes deste lugar, referentes ao culto a esta divindade indígena (não contando com a menção na inscrição rupestre do topo do Cabeço das Fráguas).

Estas aras reforçam a ideia de uma área particular de culto local¹⁰ e a omissão do teónimo comprova fortemente a hipótese dum santuário, na base do Cabeço das Fráguas, sem descurar em paralelo a ideia de uma oficina epigráfica¹¹.

⁹ ALARCÃO, 2001: 315.

¹⁰ ALARCÃO, 2001: 315-316.

¹¹ Estas peças, somadas às conhecidas, juntamente com a referência oral do achado na quinta de 14 aras anepígrafas, com diversas dimensões, parecem sugerir a hipótese de uma oficina epigráfica: CURADO, Fernando Patrício (1982), «A viação romana no concelho de Penamacor. Contribuição para o estudo da via de Mérida a Braga», *Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Penamacor, p. 93; CURADO, 1984: 8. Estaria esta oficina epigráfica vocacionada apenas para a produção de aras votivas a *Laepus* ou também para as restantes divindades expressas na inscrição das Fráguas? O desconhecimento do paradeiro actual destes 14 monumentos sugere-nos porém alguma prudência.

O facto mais relevante da análise da epígrafe, apesar das dificuldades de leitura, é a identificação do grupo dedicante. A leitura da parte final da l. 2 não é muito segura, mas baseia-se na existência de vestígios dum O e da probabilidade de existir um E. A proposta *Ocelonienses*¹² só seria plausível existindo um I a seguir ao primeiro N, o que até era possível. Acreditamos, porém, na interpretação de vicanos Ocelonenses, residentes num *vicus Ocelona*.

A questão que se abre, a partir de agora, é a localização deste *vicus*. Terão estes vicanos vindo de longe para erguer o monumento votivo aqui ou trata-se dum gesto de oferenda dos próprios habitantes do assentamento romano local¹³? Poderíamos pretender a sua localização algures na Cova da Beira, associando-o à epígrafe votiva do Ferro¹⁴, onde somente alguns escassos sítios possuem características de *vicus*. No entanto, os ricos e abundantes vestígios arqueológicos dispersos por 3 ha da Quinta de São Domingos, levam-nos a considerar a existência dum núcleo urbano secundário no local, vocacionado para as actividades agrícolas e metalúrgicas, eventualmente associado a um pequeno edifício de culto regional, de dedicação a *Laepus*¹⁵. A etimologia proposta de *Ocello* < *uxellô* – com o significado de “alto elevado”¹⁶ – acentua a probabilidade da sua localização na base do imponente Cabeço das Fráguas.

Seria *Laepus* uma devoção restrita dos *vicani* que habitavam a actual Quinta de São Domingos ou teria um âmbito mais alargado, abrangendo o *populus* que residia no território do vale superior do rio Côa?

MARCOS OSÓRIO

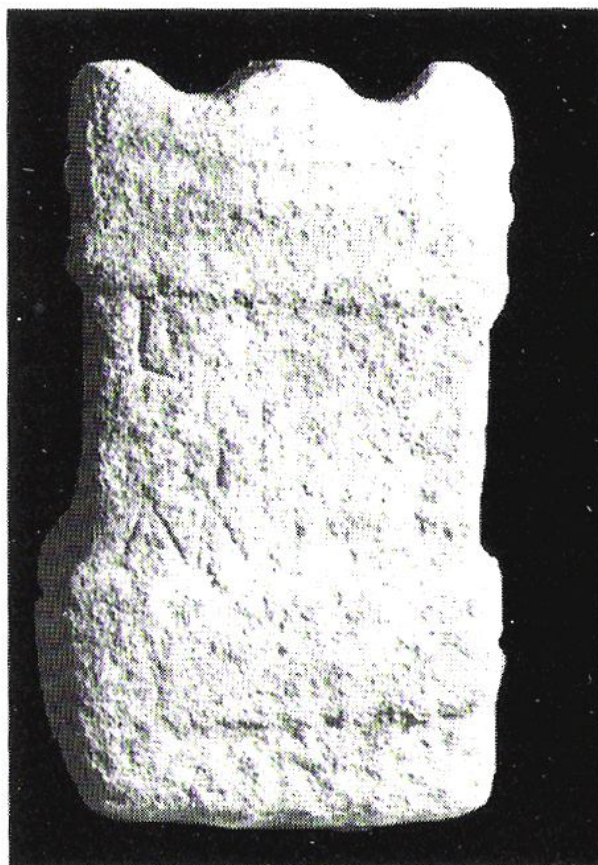
¹² ALARCÃO, 2001: 315. A duplicação do N no final da l. 2 e início da l. 3 afasta a leitura *Ocelenses*, que nos lembra a inscrição de *Arantius Ocelaecus* e *Arantia Ocelaeca*, encontrada no Ferro, a mais de 30 quilómetros deste local, referente a um aglomerado populacional *Ocello* em parte ainda desconhecida: ALBERTOS FIRMAT, M^a. de Lourdes (1985), «A propósito de algunas divinidades lusitanas», *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae*, Vitória, pp. 469-474.

¹³ ALARCÃO, 2001: 315.

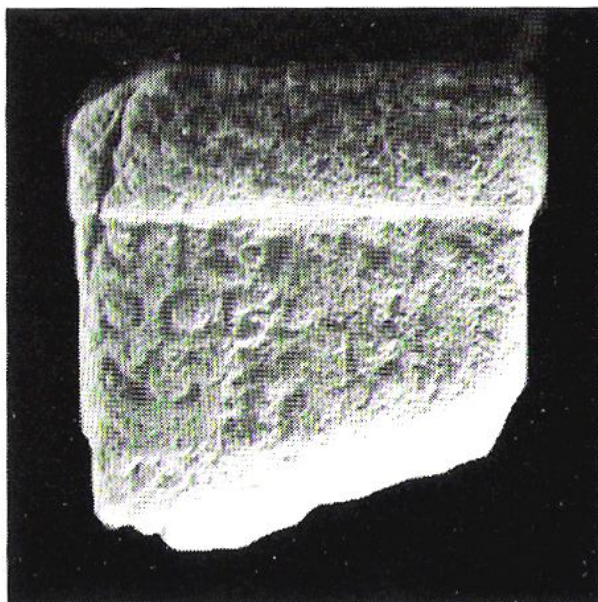
¹⁴ Ver nota 12.

¹⁵ Hipótese confirmada pela referência a vestígios de construções sob a actual capela de São Domingos, onde apareceram também as outras epígrafes já conhecidas: OSÓRIO, 2000: vol. II, 28-29.

¹⁶ FERNÁNDEZ-ALBALAT, Blanca García (1990), *Guerra y Religión en la Gallaecia y la Lusitania Antiguas*, A Coruña, p. 124.



310.1



310.2